

# Românica

N.º 13  
2004

ISSN 0872-5675

*Livro*



Edições Colibri

Consultores: José Augusto Cardoso Bernardes (U. de Coimbra), Lélia Parreira Duarte (Pontifícia U. Católica – Minas Gerais, U. Federal de Minas Gerais), Ettore Finazzi-Agrò (U. di Roma “La Sapienza”), Elsa Gonçalves (U. de Lisboa), Silvina Rodrigues Lopes (U. Nova de Lisboa), Elena Losada Soler (U. de Barcelona), Rosa Martelo (U. do Porto), Anne Marie Quint (U. de Paris – Sorbonne Nouvelle), Maria Alzira Seixo (U. de Lisboa), Vítor Aguiar e Silva (U. do Minho)

© 2004 Departamento de Literaturas Românicas  
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
[www.fl.ul.pt](http://www.fl.ul.pt)

Paginação e arte final: Inês Mateus  
Impressão e acabamento: Colibri–Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares

Edição: Edições Colibri

ISSN: 0872-5675  
ISBN: 972-762-175-9  
Depósito legal: 138953/99

## Uma cópia desconhecida do *Livro dos Conselhos* de D. Duarte

Isabel Dias

Universidade do Algarve

Consultando recentemente na Biblioteca Nacional algumas obras manuscritas do chantre eborense Manuel Severim de Faria (1583-1655), a propósito de memórias seiscentistas do primeiro reinado português, acabei por me deter num conjunto considerável de fólios do COD. 13179, o qual transmite mais uma versão, praticamente integral, e desconhecida, do *Livro dos Conselhos* do rei D. Duarte. O achamento desta cópia vem chamar a atenção para o interesse (ainda por estudar nas suas motivações histórico-culturais) que despertou o referido livro de D. Duarte no século XVII; interesse partilhado pelo século seguinte, como atesta o conjunto das cópias setecentistas sobreviventes.

Creio que, antes de mais, seria útil percorrer as etapas hoje conhecidas da transmissão textual seiscentista e setecentista do *Livro dos Conselhos*, com o objectivo de destacar particularidades estruturais que têm passado desapercibidas, de estabelecer relações de dependência entre as diferentes cópias, e de introduzir pontuais correcções nos dados disponibilizados em obras de referência; aspectos igualmente relevantes para a história da leitura daquele livro, que um dia se venha a fazer. É, pois, deste assunto que por agora me ocuparei.

A cópia mais antiga do *Livro dos Conselhos* encontra-se no AN/TT (ms. da Livraria n.º 1928), datando do final do séc. XVI / princípio do séc. XVII. Aquele título, por que hoje é conhecida a colectânea de textos de D. Duarte, figura com uma pequena variante prepositiva («Livro de conselhos etcet. D El Rey D. Duarte») numa anotação na margem esquerda do fólio em que se começou a escrever o índice da referida cópia. Na parte inferior do mesmo fólio aparece, numa inscrição mais longa, a outra designação por que também passou a ser conhecido o livro, a qual lhe revela a propriedade: «Liuro da Cartuxa de Scala Coeli de que o Illustrissimo e Reverendissimo senhor D. Theotónio de Bargaça arcebispo de Eborá fundador da mesma casa lhe fes doação».

O monge cartuxo que no séc. XVIII fez uma transcrição (BN, COD. 3390) do manuscrito da TT, na introdução que lhe antepôs, atribuiu a autoria da referida inscrição ao secretário de D. Teotónio de Bragança, e acrescentou uma informação relevante sobre a forma como no seu tempo andava encadernada a cópia antiga: «livro de folha encadernado em pasta preta, e com as folhas douradas. E por fora nas costas tem este titulo: Conselho delRey Dom Duarte, Está rubricado com letra de hũ secretario do nosso S.<sup>or</sup> Fundador com esta rubrica: Libro da Cartuxa de Scala celi de q' o Ill. <sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D. Theotonio de Bragança Arcep.<sup>o</sup> de Eborá Fundador da mesma casa lhe fez doação». Dessa encadernação já não restam hoje quaisquer vestígios. Sobre este e outros aspectos que fazem parte da descrição codicológica do *Livro da Cartuxa* que se encontra na Torre do Tombo, veja-se a «Introdução» à respectiva edição diplomática preparada por João José Alves Dias, em *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte* (Lisboa, Editorial Estampa, 1982, pp. VII-XVI). Para uma descrição geral desta compilação de textos, consulte-se o mesmo estudo e também a secção que João Dionísio dedica ao *Livro da Cartuxa*, em *D. Duarte, leitor de Cassiano* (dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, 2000, pp. 141-144).

O testemunho da Torre do Tombo será uma cópia da obra que pertenceu ao arcebispo D. Teotónio, muito provavelmente o original quatrocentista da autoria de D. Duarte. As estreitas relações entre o arcebispo e a casa real (recorde-se que D. Teotónio era filho do 4.<sup>o</sup> duque de Bragança e sobrinho do cardeal D. Henrique) justificam o trânsito do *Livro dos Conselhos* para as suas mãos, como justificam também a presença do *Livro da Virtuosa Benfeitoria* oferecido por D. Pedro a D. Duarte no conjunto de livros da sua biblioteca pessoal. Mas, perdido o original do *Livro dos Conselhos*, foi a partir da cópia da Torre do Tombo que se constituiu uma linhagem de cópias seiscentistas e setecentistas, na qual os bibliógrafos portugueses daqueles séculos se basearam para noticiar a existência do livro do monarca de Avis (João Franco Barreto, na *Bibliotheca Lusitana*, tomo II, pp. [368]-[369]; Diogo Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana, histórica, crítica, cronológica*, tomo I, 1741 [reimp. 1965], p. 721). Também foi a partir de uma daquelas cópias que António Caetano de Sousa editou dezassete textos do *Livro dos Conselhos*, no tomo I, Livro III, das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa* (1739). O autor das *Provas* deu ainda notícia de dezassete outros textos da colectânea de D. Duarte (tomo I, Livro III), tomando como fonte a *Bibliotheca Lusitana* de J. F. Barreto. A edição de uma cópia completa do *Livro da Cartuxa* só viria a acontecer em 1982. Trata-se da edição já citada de J. J. Alves Dias.

Quando recuamos para além dos séculos XVII e XVIII tornam-se escassas as notícias sobre a colectânea de D. Duarte. Ela costuma associar-se ao citadíssimo caderno de apontamentos, onde o rei tinha por hábito reunir documentos de interesse pessoal, de que fala o cronista Rui de Pina, na *Crónica de D. Duarte*: «o qual conselho do Infante D. Pedro El-Rei louvou muito, e o fez por singular registar em seu livro, que comsigo sempre trazia, de cousas familiares e especiaes» (cap. IV, p. 32). De resto, aquele cronista utilizou na redacção de alguns capítulos da *Crónica* textos do livro de D. Duarte: no cap. IV citou, de forma não literal e literariamente trabalhada, a carta que D. Pedro mandou a seu irmão quando este foi coroado rei («Carta do Ifante dom pedro que mandou a el rey quando em boa ora foy aleuantado por noso rey»), que corresponde na edição citada do *Livro dos Conselhos* ao texto [11]; no cap. XVII, citou, uma vez mais de forma não literal, o conselho dado pelo Infante D. João a D. Duarte a propósito da conquista de Tânger («Reposta ao conselho, se deue el rey meu senhor fazer guerra aos mouros de benamarym ou não feito polo Ifante dom Yohão»), correspondente ao texto [6] da mesma edição; e, no cap. XVIII, aproveitou de maneira muito resumida o conselho do Conde de Barcelos sobre o mesmo projecto militar («Conselho do conde de barcelos»), que corresponde ao texto [9].

Embora, além do exemplo de Rui de Pina, se desconheçam os aproveitamentos que outros autores do séc. XVI e anterior fizeram do *Livro dos Conselhos*, não parece que esta obra tenha suscitado nestes séculos o interesse que os dois séculos seguintes lhe descobriram. É destes que nos chegaram algumas transcrições integrais e parciais do livro de D. Duarte, que passo a apresentar, excluindo a mais antiga (a da Torre do Tombo), cujas características de composição são hoje conhecidas em traços gerais, ainda que insuficientes. Com efeito, nada se sabe sobre a sua autoria e sobre as condições circunstanciais que motivaram o seu aparecimento; lacunas de conhecimento que também abrangem bom número das cópias posteriores.

Na *Bibliografia da Prosa Medieval em Língua Portuguesa* (Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Lisboa, 1995), Isabel Cepeda fornece uma lista dos testemunhos conhecidos do *Livro dos Conselhos*, que passo a transcrever:

- Lisboa, AN/TT, Livraria n.º 1928 [séc. XVI]
- Lisboa, BN, COD. 3390 [séc. XVIII]
- Lisboa, BN, PBA.147 [séc. XVIII (inc.)]
- Lisboa, BN, COD. 4446 [séc. XVIII (inc.)]

- Lisboa, BA, Cod. 49-XI-68 [séc. XVIII, cópia do Conde da Ericeira para impressão (inc.)]  
 – Santarém, BM, C.O.26

A *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*, organizada por Arthur Askins, Harvey Sharrer, Aida F. Dias e Martha E. Schaffer (internet: <http://sunsite.Berkeley.edu/Philobiblon/BITAGAP>), referencia os mesmos testemunhos (BITAGAP manid 1479, 1480, 1704, 1705, 1235 e 3154)<sup>1</sup>. Fornece, porém, a data de redacção do de Santarém – séc. XVIII (1701-1800) –, e identifica os últimos proprietários quer deste manuscrito – primeiro, o visconde de Azurara, depois Braamcamp Freire –, quer do que se encontra no COD. 3390 – primeiro, D. João de Melo Manuel da Câmara Medeiros, depois, seu filho, D. Francisco de Melo Manuel da Câmara (o cabrinha). Este último também é dado como proprietário da referida cópia, em *Literatura Hispânica da Idade Média na B.N.*, p. 29, item 56.

Por seu lado, João Dionísio, no estudo citado, procurou arrumar estes testemunhos de acordo com a seguinte tipologia: conformes ao *Livro da Cartuxa* (BN, COD. 3390; BN, PBA. 147; BMS, 31-7-10) e contaminados (BA, Cod. 49-XI-68; BN, COD. 4446).

Creio que, além deste tipo de seccionamento, será possível ainda, mediante revisão dos dados apresentados pelas bibliografias referidas, relacionar genealogicamente as cópias integrais e as incompletas existentes.

Começo por acrescentar à lista dos testemunhos manuscritos mencionados o que recentemente localizei no COD. 13179 da BN de Lisboa. Constitui a segunda parte deste livro, que se intitula *Compêndio de varias obras de Authores Portugueses collegidas por Manoel Seuerim de Faria chantre na Santa Seè de Éuora*, e data de 1613. Ocupa os fólhos 91-268<sup>v</sup>, encontrando-se o respectivo índice, organizado alfabeticamente, no início do códice, nas folhas VIII e IX. Trata-se de uma cópia seiscentista, feita por autor anónimo, certamente a pedido de Manuel Severim de Faria, um dos maiores bibliófilos do seu tempo, que escreveu e compilou inúmeras obras de interesse histórico.

<sup>1</sup> À data da publicação deste artigo, cuja redacção inicial remonta ao ano de 2001, a *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses* integra já uma referência à cópia do COD. 13179 (nº 3811), bem como a uma outra cópia datada do séc. XVII, cuja localização se desconhece (nº 3812). No que diz respeito a esta última, a coincidência dos dados descritivos dela fornecidos com os da cópia do COD. 13179 leva-me a crer que estamos perante um mesmo testemunho.

Tal cópia pertenceu à Biblioteca da Casa do Cadaval, como confirma o catálogo dos *Manuscritos da Casa do Cadaval* (p. 24). Em 1995 deu entrada na Biblioteca Nacional de Lisboa através de compra em leilão. Esta cópia, com o título *Obras Del Rei Dom Duarte*, não inclui os textos que na edição de Alves Dias apresentam os números [51] («[Cargas de besta cavalari e asnal]»), [86] («Mezinhas pera a peste»), [96] («Cyfras d el rey») e [97] («[Como se podem saber as horas]»). Repete, por engano, os textos [43] («Cousas de que el rey dom duarte foy requerido nas primeyras cortes que fez em santarem») e [46] («Valor dos maravedis velhos»). Ou seja, dos 97 textos que integram o *Livro da Cartuxa* foram copiados 93 (número que exclui as duas repetições referidas). O que distingue a cópia em questão do seu antecedente (indirecto) conservado na Torre do Tombo é a ordem pela qual foram transcritos os diversos textos. Estes foram agrupados de forma temática, em grandes secções subordinadas a títulos que não se encontram no modelo, como adiante descreverei. Assinale-se também que a linguagem dos títulos dos *conselhos* foi actualizada e por vezes simplificada. Nem sempre a dos títulos dos textos coincide com a dos títulos no índice.

Outra cópia seiscentista (como a paleografia e a marca-de-água do papel em que foi escrita esclarecem) é a que dá corpo ao primeiro conjunto de fólhos (152-278), materialmente distinto do segundo, do códice pombalino 147. Uma análise pormenorizada revela uma total semelhança entre esta transcrição, feita por duas mãos (e o índice por mais duas), e a que faz parte do COD. 13179. A ordem de apresentação dos documentos, o título inicial e os subtítulos intermédios são exactamente iguais. Acresce que o primeiro fólho escrito, onde se lê um dito famoso de D. Fernando de Castela e Aragão, que nada tem a ver com a obra de D. Duarte, começada a copiar duas folhas depois, é exactamente o mesmo texto que remata a primeira parte do *Compêndio de varias obras de Authores Portugueses collegidas por Manoel Seuerim de Faria chantre na Santa Seè de Éuora*. A única diferença entre as duas transcrições encontra-se no índice dos *conselhos*. Em PBA. 147, a «Taboada deste Livro», escrita por uma terceira mão, no final da transcrição, após um intervalo de 4 folhas em branco (fóls. 266<sup>v</sup>-270<sup>v</sup>), não segue o critério de ordenação alfabética dos títulos adoptado no COD. 13179, nem apresenta variações significativas de linguagem entre a redacção que aqueles apresentam no índice e no interior da colectânea, como se observa no *Compêndio* de Severim de Faria. Apesar desta diferença, parece-me ser claro que existe entre as duas transcrições referidas uma dependência imediata. Mas qual serviu de modelo à outra?

Creio ser possível determinar que a transcrição do COD. 13179, que fez parte de um vasto conjunto de apontamentos recolhido, ou mandado recolher, pelo chantre de Évora Manuel Severim de Faria, é cópia do testemunho que se encontra em PBA. 147; pelas seguintes razões:

– a cópia do códice pombalino apresenta pontuais erros de leitura, corrigidos, e algumas repetições, devidamente eliminadas. A cópia de Severim de Faria apresenta-se limpa. O seu autor não teve quaisquer problemas de leitura paleográfica, o que se poderá dever ao facto de ter utilizado um testemunho contemporâneo e portanto facilmente legível;

– o copista de PBA. 147 mostra que estava a seguir um manuscrito que apresentava a organização do da TT, muito provavelmente o que hoje se encontra neste arquivo. Assim, no final da transcrição do texto intitulado «Ligas de ouro» escreveu uma frase que já pertencia ao início do texto que àquele se seguia no *Livro da Cartuxa* («Dous mestiraes e tres seruidores»). Mas tendo em vista um projecto de reorganização dos materiais deste livro, acabou por riscá-la. O mesmo acontece no final da transcrição do texto com o título «Trouas sobre o remedio da peste». O autor ainda copiou o começo do documento que se seguia no livro antigo («Senhor. Este remedio achei muitas vezes prouado»), mas riscou-o, porque, de acordo com o novo alinhamento pré-definido dos *conselhos* de D. Duarte, o texto a que pertencia tal expressão («Mezinha pera febres terçãs») deveria surgir noutro lugar da transcrição. A cópia de Severim de Faria “limpou” estas hesitações, que lhe foram alheias;

– o copista do COD. 13179 segue os erros de leitura da transcrição do códice pombalino. Por exemplo, na cópia de um passo do texto intitulado «Ordem que os inffantes tinhão de proceder com El Rej seu pai entre si mesmos», o autor de PBA. 147 mostra ter tido dificuldades em ler a abreviatura da palavra *recebido*, começada pela letra *r* e terminada com a sílaba participial *do*. Leu primeiro a palavra *segundo*, que riscou, sobrescrevendo-lhe depois a palavra *rendido*. Foi esta solução que passou para a cópia do COD. 13179: «Vos recontei algumas practicas que meus irmãos, e eu por graça e merce de nosso S.<sup>or</sup> e de sua madre nossa S.<sup>ra</sup> Sancta Maria guardauamos, ao mui virtuoso, digno de grande e louuauel memoria ElRej meu S.<sup>r</sup> e padre, cuja alma Deos aja; por as quais auiamos rendido tal graça, que iamais entre nos non fora desacordo nem afrouxamento de grande amor ...» (fól. 99<sup>v</sup>).

A cópia de PBA. 147 deverá ter constituído a primeira tentativa de dar uma forma mais organizada aos papéis de D. Duarte, legados pela tradição.

O facto de Manuel Severim de Faria a ter utilizado como cópia-modelo, num tempo em que poderia ter acedido ao exemplar mais antigo da Cartuxa, leva-me a encarar a hipótese de tal cópia lhe ter estado bastante acessível. Talvez se encontrasse na biblioteca do arcebispado de Évora, por onde passaram personalidades importantes. O chantre Severim de Faria reconheceu-lhe o interesse histórico-patrimonial e por isso mandou que se copiasse com a finalidade de ser integrada numa das suas compilações históricas.

E que estrutura apresentam as duas cópias em questão, os primeiros exemplos conhecidos de uma leitura interpretativa do *Livro da Cartuxa*? Ambas arrumam os textos daquele livro segundo um critério temático, em quatro grandes grupos, facilmente identificáveis graças aos títulos que lhes determinam as fronteiras. O primeiro grupo reúne 35 textos sobre assuntos variados (excluindo duas repetições), e é o único que não recebeu título. O segundo grupo foi intitulado «Ordenanças del Rej sobre as cousas domesticas» e compreende 12 textos. O terceiro, subordinado ao título «Medicina, Astrologia, Mechanica» compreende 37 textos, estando os últimos nove dependentes do subtítulo «Mechanica». O quarto e último grupo recebeu o título «Obras do Infante D. Pedro». No interior de cada uma destas secções reflecte-se em geral um critério de alinhamento subtemático dos textos, embora se encontrem alguns desajustamentos. Para uma melhor percepção de como os *conselhos* de D. Duarte foram organizados, veja-se o anexo 1.

Do séc. XVIII chegaram-nos duas cópias incompletas que também revelam uma tentativa de organização dos materiais do testemunho da Torre do Tombo. Trata-se do Cod. 49-XI-68 da Biblioteca do Palácio da Ajuda e do COD. 4446 da BN de Lisboa.

No que diz respeito ao primeiro, o guia dos *Manuscritos da Ajuda* (volume I) apresenta-o do seguinte modo: «49-XI-68 – Chronica de D. Duarte e D. Pedro f.<sup>os</sup> de D. João I (?) (*sic*). Códice de 118 pag.<sup>as</sup> encad.<sup>o</sup>. Nota: este Códice está m.<sup>to</sup> detriorado, tem uma advertência, e entre as folhas (?) tem uma explicação sobre a falta de alguma folha.» (p. 558). Na verdade, esta cópia encontra-se em muito mau estado. Em muitas das suas folhas lêem-se apenas algumas linhas, através das quais se deduz o texto a que pertencem. Não apresenta índice, nem título, incluindo um total de 38 textos (correspondentes na edição citada aos números: [1-18], [20-22], [29-31], [55-56], [61-64], [27], [54], [52], [49], [45], [43], [35], e [carta do Infante D. Henrique ao pai: texto alheio ao *Livro da Cartuxa*]), que nalguns casos reproduzem sequências ou partes de sequências temáticas do *Livro da Cartuxa*. A primeira e a segunda indicadas referem-se a assuntos de ordem política e político-moral;

a terceira tem a ver com leitura e tradução, mas integra também um texto sobre a administração da casa do Infante D. Pedro; a quarta reúne dois textos sobre o funcionamento da capela real; a quinta inclui textos de carácter religioso e moral. Seguem-se 7 textos de temáticas diversas e a terminar uma carta do Infante D. Henrique que não se encontra no manuscrito da Torre do Tombo. Desta selecção ficaram excluídos muitos textos sobre os temas escolhidos, bem como toda a longa secção sobre medicina, astrologia, moeda e construção de edifícios. A ausência desta última mostra que o critério da actualidade dos conselhos transmitidos terá estado presente no momento da composição da cópia<sup>2</sup>. Mas o resultado alcançado não satisfaz quem a solicitou, com o intuito de a transformar em texto impresso. Assim o deixa perceber a «Aduertência» inicial, que passo a transcrever:

Quem trasladou estes papeis não obseruando a forma que se lhe ordenou de escrever cada hum em caderno separado impedio que se pudessem por com alguma ordem e parecendo que a deue ter se lhe dará a que for mais conueniente quando se estampar depois de os Senhores Censores terem determinado se se podem publicar todos os que vam copiados assim elles como a cronica leuão uarios erros que se emendaram na impressão assistindo o collecter para os emendar pellos originaes. Tambem se ha de entregar aos Senhores Censores o titulo dedicatoria e indices que a breuidade do tempo não permitiu copiarse neste volume como tambem a vida do cronista cuja averiguação necessita de se uerem os documentos que se conservão na cidade da Guarda.

Infelizmente esta nota não se encontra assinada, pelo que não é possível confirmar se a cópia a que se refere está efectivamente ligada ao 4º Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes (1673-1743), como aponta Isabel Cepeda (cf. *Bibliografia*), muito provavelmente a partir de duas fontes diferentes:

– o tomo I das *Provas da História Genealógica*, onde António Caetano de Sousa publicou vários textos do *Livro da Cartuxa*, muitos dos quais acompa-

<sup>2</sup> Retomando a questão da organização textual desta cópia do *Livro dos Conselhos*, Márcio Muniz apurou que a selecção dos textos aqui praticada obedeceu a critérios mais precisos do que a partida supus (cf. «Reordenando a História: uma aproximação ao *Livro dos Conselhos de El-Rei Dom Duarte*», comunicação apresentada ao congresso *Literatura e História*, Universidade do Porto, Novembro de 2003). Aproveito para agradecer àquele investigador da Universidade de S. Paulo a leitura crítica que fez do trabalho que agora publico.

nhados da informação de que haviam sido copiados pelo Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, a partir de «hum livro antigo» que se encontrava na Cartuxa de Évora. Talvez tenha sido desta cópia que o autor das *Provas* os recolheu, embora na epígrafe que antecede a transcrição do conselho [21] afirme ter visto no convento de Évora o *Livro da Cartuxa*. No caso de Caetano de Sousa ter efectivamente utilizado a cópia do Conde, o que se afigura como a hipótese mais provável, seria com alguma dificuldade que a relacionaríamos com o Cod. 49-XI-68 da Biblioteca da Ajuda. É que apesar de este se encontrar degradado, é possível verificar que nem todos os textos que Caetano de Sousa edita e afirma terem sido transcritos pelo Conde da Ericeira se encontram no códice;

– uma informação deixada pelo autor da cópia setecentista do *Livro da Cartuxa* integrada no COD. 3390 da B.N. de Lisboa (de que falarei adiante), segundo a qual o Conde da Ericeira (deduz-se, o 4º) teria mandado copiar tal livro no período em que fora governador de Évora (por nomeação de D. Pedro II, em 1705).

O que a «Aduertência» atrás transcrita permite concluir é que na primeira metade do séc. XVIII houve quem pensasse pela primeira vez em editar (talvez D. Francisco Xavier de Menezes) uma selecção de textos do *Livro da Cartuxa*, bem como a *Crónica de D. Duarte* de Rui de Pina, que ao tempo também andava manuscrita. Mas esse objectivo não terá chegado a concretizar-se.

Da cópia conservada na biblioteca do Palácio da Ajuda deve derivar directamente uma outra, igualmente setecentista, escrita por uma mão, que se encontra na BN de Lisboa, com a cota COD. 4446. Não se sabe quem a mandou escrever, em que circunstâncias e com que objectivo. Mas é fácil perceber que reúne exactamente os mesmos textos que a anterior, escritos por duas mãos, embora por outra ordem, sem esquecer a interpolação final que ali se encontra. Constituirá o reordenamento dos *conselhos* uma resposta ao autor da referida «Aduertência»? A nova ordem, que não segue um critério claro, desfez as cinco primeiras sequências textuais da cópia-modelo atrás indicadas, mantendo no entanto o alinhamento dos sete textos avulsos, igualmente rematado com a carta do Infante D. Henrique, alheia ao *Livro da Cartuxa*. O facto de este último texto apresentar vários espaços em branco, que denunciam dificuldades de leitura insuperáveis, mostra que foi o autor do COD. 4446 quem copiou o Cod. 49-XI-68 e não o contrário. A cópia da BN, ao contrário do seu modelo, apresenta um índice e um título (*Conselhos de El Rey D. Duarte*). É ainda de notar que o começo de cada texto acontece

sempre numa folha nova, como se uma vez mais o autor da transcrição estivesse a atender à reclamação expressa na «Aduertência» da cópia-modelo, respeitante ao facto de os *conselhos* não terem sido transcritos em folhas separadas que facilitaríamos a sua reordenação futura.

Resta-me falar de duas cópias setecentistas, ambas feitas a partir do *Livro da Cartuxa*, que reproduzem integralmente e sem variações estruturais esta colectânea de textos. Uma delas é o COD. 3390 da BN de Lisboa, e a outra, o códice 31-7-10 (cota actual) da Biblioteca Municipal de Santarém.

No que diz respeito à primeira cópia, escrita a uma só mão, foi encomendada por figura desconhecida a um monge da Cartuxa de Évora, cuja identidade também se desconhece. Merece particular destaque o singular conjunto de fólhos iniciais que lhe serve de introdução. Neles o copista, para além de descrever a cópia-modelo que usou (o livro antigo da Cartuxa) nos termos atrás mencionados, explicitou também alguns dos seus critérios de transcrição, que passo a indicar resumidamente (remetendo para o Anexo 2 a cópia integral do referido texto):

- reprodução das incoerências detectadas. No caso do texto [12], manteve a discrepância entre o nome do autor do *conselho* registado no índice (Conde de Barcelos) e o que se lê no final do referido texto (Conde de Arraiolos). Manteve também a dupla redacção dos títulos dos *conselhos* [3], [11], [63] e [90], no índice e no texto, bem como a duplicidade de nomes próprios, no formulário epistolográfico destinado à Infanta D. Catarina (texto [50]);

- reprodução de dois enganos de numeração, no texto [11];

- reprodução de uma data incompleta, no final do texto [21];

- reprodução da ordem trocada de uma das frases da oração do Pai-Nosso, no texto [68];

- reprodução de uma fórmula de tratamento desactualizada, como a que se encontra no começo do texto [18], onde os irmãos do rei D. Duarte são por ele designados de «reis»;

- uso de dois critérios diferentes de separação das estrofes que compõem as *Trovas* feitas por Diogo Afonso (texto [90]), porque, como o copista explica, não foi logo no início da transcrição daqueles versos sobre assuntos medicinais que sentiu a respectiva «toada» (rima);

- introdução de linhas para o desenho das cifras, para que não se confundissem umas com as outras (texto [96]);

- reprodução o mais aproximada possível do desenho de cada uma das cifras;

- reprodução da organização gráfica da cópia-modelo, que apenas separa os textos e alguns parágrafos, estando ausentes os «pontos, e virgulas etc».

Para além destes critérios de transcrição e da informação codicológica inicial acerca da origem do Livro da Cartuxa e da forma como se encontrava encadernado, o copista do COD. 3390 acrescenta na sua introdução algumas observações que confirmam a realização de uma leitura crítica do manuscrito da Cartuxa. Assim, o autor

- afirma que o «original» transcrito é uma cópia que não saíu das mãos de D. Duarte, mas das mãos de «algum curiozo», que se não quis nomear, uma vez que nalguns conselhos se encontram referências ao falecimento do rei;

- fornece referências bibliográficas. A propósito do facto de D. Duarte chamar reis aos irmãos, o copista relembra uma fonte que ilustra esse hábito antigo. Trata-se da *Vida da Infanta D. Sancha*, transcrita por Jorge Cardoso no *Agiolégio Lusitano* (13 de Março). O copista chama também a atenção para um costume outrora vigente entre os italianos, segundo o qual era comum os filhos dos condes serem chamados desta mesma maneira. Quanto ao nome de certas moedas antigas, o copista aconselha a leitura do capítulo dedicado ao rei D. Fernando, no *Epítome* de Manuel de Faria e Sousa (1ª ed. 1628);

- especula acerca da identidade do doutor Diogo Afonso, autor das referidas *Trovas* e de uma carta («parece que foy algum theologo ou Jurista (não obstante aqui nestas trovas parecer Medico)»);

- dá indicações acerca da possível execução de outras cópias do *Livro da Cartuxa*. O copista afirma ter ouvido dizer que o 4º Conde da Ericeira mandara fazer uma cópia daquele livro, quando fora governador de Évora. Afirma também que o Marquês de Abrantes, já falecido (provavelmente o 1º Marquês, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Menezes), levava o «livro original» para Lisboa por algum tempo e que talvez ali o tivesse mandado copiar. E finalmente lembra a propósito de Martinho de Mendonça de Pina (guarda-mor da Torre do Tombo, bibliotecário do rei D. João V e académico da Academia Real da História, falecido em 1743) o seguinte: «logo no principio de Janeiro depois que se eregio a Real Academia veyo a esta Cartuxa (...) ver algumas cousas da livraria, (...) este livro del Rey D. Duarte, e eu lho mostrey, mas não sey o que passou com o Prelado que então era, porem ouvi dizer que o ditto Martinho de Mendonça tem muita intelligencia de cifras»;

- chama a atenção para os «livros que El Rey D. Duarte tinha».

Creio que, de entre todas as referências feitas pelo autor desta cópia a académicos, autores e obras do séc. XVII, a que diz respeito ao vol. II do

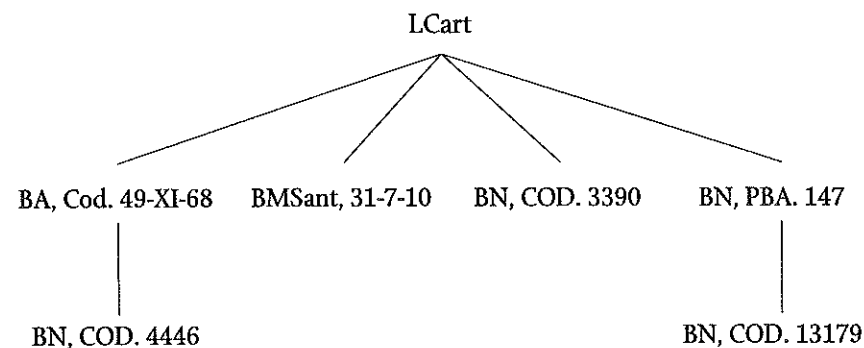
*Agiológico Lusitano*, editado em 1659, é a que melhor define uma fronteira temporal para a sua execução. Ao pouco que se sabe da sua história, baseada nos dados que ela própria transmite, pode acrescentar-se a possibilidade de ter pertencido ao bibliófilo açoreano, D. Francisco de Melo Manuel. Tanto o *Catálogo da Exposição realizada por ocasião do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, como a BITAGAP, anteriormente citados, falam daquela proveniência. Julgo que o fizeram a partir de uma informação inscrita na ficha antiga do ficheiro manual de manuscritos da Sala de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, correspondente ao COD. 3390. Nessa ficha, como em muitas outras, aparece no canto inferior esquerdo o nome «Mello», antigo proprietário da obra registada. É comum associar-se este nome a D. Francisco de Melo Manuel. Mas infelizmente o catálogo da sua livraria (COD. 11590), onde se enumeram todas as obras que fizeram parte dela e deram entrada na BN de Lisboa em 1852, não refere entre os seus itens qualquer obra de D. Duarte, ou qualquer título que sugira tal aproximação.

Por fim, a cópia setecentista completa que se encontra em Santarém, igualmente escrita a uma só mão, mas de redacção muito mais cuidada que a anterior, deverá ter sido feita a partir do *Livro da Cartuxa*, o qual reproduz da primeira à última linha, mantendo o respectivo sistema ortográfico. Será que esta cópia foi executada por alguma das figuras de que fala o copista do COD. 3390 (o Conde da Ericeira, o Marquês de Abrantes, Martinho de Mendonça e Pina) ou por outra personalidade igualmente interessada nos conteúdos do livro do rei D. Duarte? Apenas se sabe quem foram os seus dois últimos proprietários. O último, que a legou com a sua biblioteca de 10.000 volumes à Câmara Municipal de Santarém, foi Anselmo Braamcamp-Freire (1849-1921), como confirma o respectivo *ex-libris* colado na face interna da capa do códice. O proprietário anterior foi o visconde de Azurara, como anotou o bibliotecário de Braamcamp-Freire, no primeiro fólio («Manuscrito que pertenceu ao visconde Azurara. Contém 144 folios. Capa em perg.<sup>o</sup>»), por debaixo do título («Obras várias do rei D. Duarte bem como outros escritos de seus irmãos e doutras personagens»). O Visconde referido terá sido Jorge Salter de Mendonça (1804-1872), que provavelmente herdou a cópia de seu pai, o primeiro Visconde de Azurara, João António Salter de Mendonça (1746-1825). Entre os muitos cargos que este último ocupou conta-se o de guarda-mor da Torre do Tombo. Poderá o interesse que certamente teve pelos livros antigos ter estado na origem da execução da cópia de Santarém? Ou esse interesse conduziu apenas à sua aquisição?

Os dados reunidos permitem, assim, rever a identificação de algumas cópias do *Livro dos Conselhos*, e acrescentar ao conjunto que formam mais um testemunho seiscentista, mandado executar por Manuel Severim de Faria:

- BN, PBA. 147: séc. XVII; quase completa; reordena os materiais da cópia do AN/TT, Livraria n°1928. Proveniência: Casa Pombal
- BN, COD. 13179: séc. XVII; quase completa; reordena os materiais da cópia do AN/TT, Livraria n°1928; cópia de PBA. 147. Proveniência: Manuel Severim de Faria e Casa do Cadaval.
- BN, Cod. 49-XI-68: séc. XVIII; incompleta; reordena os materiais da cópia do AN/TT, Livraria n°1928; contaminada; cópia para impressão. Proveniência: 4° Conde da Ericeira (?)
- BN, COD. 4446: séc. XVIII; incompleta; reordena os materiais da cópia do AN/TT, Livraria n°1928; contaminada; cópia de BA, Cod. 49-XI-68.
- BN, COD. 3390: séc. XVIII (2ª metade); completa. Proveniência: D. João de Melo Manuel e D. Francisco de Melo Manuel.
- BM Santarém, 31-7-10: séc. XVIII; completa. Proveniência: Viscondes de Azurara e Braamcamp-Freire.

As relações entre as várias cópias podem ser representadas no seguinte *stemma codicum*:



## ANEXO 1

Elenco dos títulos, tal como aparecem a encabeçar os textos do *Livro da Cartuxa* de acordo com a cópia do COD. 13179, e segundo a ordem em que aí figuram.

Numero os títulos e assinalo por meio de parênteses rectos as divisões subtemáticas que estabeleci no interior das grandes secções definidas pelo copista. Utilizo o mesmo tipo de parênteses para indicar o número de ordem de cada texto de acordo com o manuscrito da TT. Procedi ainda ao desenvolvimento de abreviaturas, à separação de palavras e à eliminação da pontuação que não corresponde à convenção actual.

## [moral e política]

- 1 - Memorial pera frey Fernando ordenar a pregação das exequias del rei Dom João 1º seu pay. [64]
- 2 - Conselho de el Rei pera intemperança dos dezeios. [1]
- 3 - Requerimentos que os Estados do Reino fizeram a el Rei Dom Duarte nas primeiras Cortes de Santarem. [43] (repetido no nº 17)
- 4 - Conselho do Conde de Barcellos. D. (sic) sobre as cortes se não referirem. [12]
- 5 - Conselho do Bispo do Porto pera El Rei. [13]
- 6 - Ordem que os Infantes tinham de proceder com El Rey seu pai entre si mesmos. [18]
- 7 - Resposta que mandou El Rei Dom Duarte sendo Principe ao Infante D. Pedro por o Infante D. Fernando sobre certas queixas que o Infante D. Pedro tinha del Rey seu pay. [7]
- 8 - Conselho pera o Infante Dom Pedro quando se foi pera Ungria. [3]

## [empresa militar de Tânger]

- 9 - Conselho do Infante Dom João sobre a guerra de Africa. [6]
- 10 - Conselho do Infante Dom Henrique sobre a guerra de Africa. [20]

- 11 - Conselho do Conde de Arrayolos sobre a guerra. [8]
- 12 - Conselho do Conde de Barcellos sobre a guerra. [9]
- 13 - Conselho do Conde de Ourem. [10]
- 14 - Conselho especial ao Infante Dom Anrique quando se partio pera Tanger. [21]
- 15 - Razões por que se el Rei moueo fazer a guerra de Africa. [22]
- 16 - O que El Rei mandaua dar aos que passauão a Africa. [42]

## [governança, comando militar e mineralogia]

- 17 - Iesus Maria. Estes som os dezembargos geraes de que fui requerido pera logo fazer nas primeiras cortes, que fiz em Santarem. [43] (repetido no nº 3)
- 18 - Cousas que pertencem ao bom Capitão. [44]
- 19 - Estas são as couzas que mandou Vossa Merce que pusesse em nembrança. [45] (segue-se o texto [46], repetido na penúltima secção, nº 78)
- 20 - Estas são as cores das pedras que são achadas nos vieiros. [47] (segue-se, sem separação, o [48], «A maneira que se tinha em dar os casamentos d homens baixos em casa d el rey e dos Ifante»)

## [conteúdo religioso]

- 21 - Declaração da intenção que auemos de ter pera nos saluar. [63]
- 22 - O Pater noster grozado por el Rey. [68]
- 23 - Auiso espiritual del Rey. [80]
- 24 - Oração do Justo Juis. [66]
- 25 - Como se tira o Demonio. [65]
- 26 - Deuações que el Rey mandaua fazer. [67]
- 27 - Carta de hum Religioso pera a Rainha. [19]
- 28 - Auiso de frey Gil Lobo pera El Rey. [25]

## [conteúdo filosófico-moral]

- 29 - Detriminação de frey Gil Lobo. [26]
- 30 - Repartição do entendimento por el Rey. [24]
- 31 - O que se toma dos parentes, patria, leite, etc. [34]

## [tradução e leitura]

- 32 - Do bom modo de interpretar os liuros. [30]
- 33 - Da maneira de ler os liuros. [29]

## [moral e armas]

- 34 - Que cousa seia detração. [60]
- 35 - Regimento pera aprender a usar as armas. [82]

## Ordenanças del Rey sobre as cousas domesticas

## [exercício da governança]

- 36 - Ordem que tinha el Rey no gouerno e despacho. [2]

## [elementos que integravam as casas principescas]

- 37 - Soma da gente del Rey acordado pellos Infantes Dom Pedro e o Infante D. Fernando. [49]

## [fómulas para correspondência]

- 38 - Estilos del Rey. [50]

## [cartas sobre assuntos da corte]

- 39 - Carta pera el Rey de Castella. [15]
- 40 - Carta da Duquesa de Brogonha Dona Isabel. [17]

## [catálogo da livreria de D. Duarte]

- 41 - Cathalogs dos Liuros del Rey de Latim. De lingoagem. [54]

## [registo de acontecimentos]

- 42 - Nascimento dos filhos del Rei Dom Eduarte. [27]
- 43 - Memoria de algumas cousas, em que tempo acontecerão. [52]
- 44 - Faulhas que cahirão em Santarem. [35]

## [prática religiosa; esmolas]

- 45 - Regimento da Capella Del Rey. [55]
- 46 - Esmolas que El Rei daua pello anno. [58]
- 47 - Esmolas que El Rey daua pella quaresma. [62]

## Medicina, Astrologia, Mechanica

## [conselhos para a saúde e mezinhas]

- 48 - Regimento pera ter boa compleição. [81]
- 49 - Carta do Doutor Dioguo Afonso sobre os poos de texuguo pera a peste. [16]
- 50 - Regimento pera tomar os poos do texugo. [69]
- 51 - Poos de Texugo. [88]
- 52 - Remedio pera a peste. [89]
- 53 - Trouas sobre o remedio da peste. [90]
- 54 - Poos do Duque. [83]
- 55 - Como se fazem Pirolas communs. [84]
- 56 - Receita da agoa pera os olhos. [70]
- 57 - Mezinha verde pera os olhos. [71]

58 - Mezinha pera febres e dor de dentes. [75]

59 - Pera as tetas das molheres. [73]

60 - Pera quando caem os mamillos. [78]

61 - Mezinha pera febres terçans. [91]

62 - Como se toma a erua pera as maleitas. [85]

63 - Regimento pera o estamago frio. [72]

64 - Pera o fluxo do ventre. [74]

65 - Pera Camaras. [77]

66 - Mezinha pera camaras. [79]

67 - Pera frialdade na iuntura. [76]

68 - Pera Joelho inçhado de siatica. [87]

69 - Pera postemas depois de maduras. [92]

70 - Pera a gota. [95]

71 - Como se semea a alfaca. [94]

72 - Como se conserua o pescado fresco. [93]

#### [astrologia e astronomia]

73 - Como se pode vzar licitamente da Astrologia. [53]

74 - Regimento de Lua noua. [28]

75 - Opinião de Mestre Guedelha. [33]

#### Mechanica

##### [moeda]

76 - Carta pera el Rey sobre a valia do ouro. [23]

77 - Pezo dos Leaes. [36]

78 - Valia dos Maravedis. [46] (repetido no nº 19)

79 - Lauramento de cobre. [37]

80 - Ligas de Bulhões. [38]

81 - Ligas do ouro. [39]

##### [construção civil]

82 - Como se fazem as cisternas em Italia. [32]

83 - O que podem trabalhar dous pedreiros

ao dia. [40]

84 - Medidas das casas de Syntra. [41]

#### Obras do Infante D. Pedro

[conselhos sobre a governação do reino e da sua casa]

85 - Conselho a El Rei seu irmão quando logo herdou o Reino. [11]

86 - Carta pera el Rei de Brujas sobre o governo do Reino. [4]

87 - Conselho a el rey pera que ouesse boons Prelados Eclesiasticos no Reino. [5]

88 - Carta pera el Rei sobre o Liuro da amicitia que mandaua traduzir. [14]

89 - Regimento da casa do Infante. [31]

[serviço religioso na capela real]

90 - Regimento dos capellães do Infante. [56]

91 - Horas que se guastauão nos officios diuinos na Capella do Infante. [57]

[reflexão e prática religiosa]

92 - O Pater noster exposto pello Infante. [59]

93 - Memoria pera a pregação do Conde Dom Nuno Aluares. [61]

#### ANEXO 2

COD. 3390, fols. 1-4v

Na transcrição que se segue utilizo [], [...], [0] e [?] para assinalar, respectivamente, segmento de palavra ilegível, uma ou mais palavras ilegíveis, linha ilegível e dúvida de leitura. Desenvolvo as abreviaturas e separo as palavras, excepto as enclíticas. Não transcrevo as frases e palavras riscadas pelo copista, mas por meio de (\*) integro os acrescentos que este fez nas margens de alguns fólhos.

(fól.1) [0] / possiv [] diligenci[] o seu exempl[] / que se guarda nesta Cartuxa na livraria commua, e he livro de folha enca- / dernado em pasta preta, e com as folhas douradas.

E por fora nas costas tem este titulo: /

Conselho delRey Dom Duarte, / Esta rubricado com letra de hũ Se- / cretario do nosso Senhor Fundador com / esta rubrica: Libro da Cartuxa de Scala celi de que o Illustrissimo e Reverendissimo Senhor D. Theotonio de Bra- / gança Arcebispo de Eborá Fundador / da mesma Casa lhe fez doação.

A primeira cousa que vem neste livro / he o Indice dos trattados delle do / mesmo modo que vay copiado, excetto a citação das folhas, porque a copia que en- / vio leva menos folhas que o original, / mas tudo o que neste esta, de verbo a ver- / (fól.1v) [0] / Mais, deve-se advi[] a folhas [169 verso desta / copia começa hum conselho ou trattado que / deu hum Senhor para não se dilatarem as Cor- / tes que ElRey D. Duarte fez, o qual con- / selho no Indice do original traz o nome / do Conde de Barcellos, poreo no fim delle / assinase o Conde Darraiolos, e eu deste / mesmo modo tresladei isto, assi no Indice co- / mo no fim do tal conselho, ou trattado

Item, a folhas 14. desta copia esta hum / titulo assi: Conselho do Jfante pera seu Jrmão / o Jfante, etc, e no Jndice vay assi: Conse- / lho delRey pera o Jfante D. Pedro, etc. o que tudo / deste mesmo modo vem no original.

Item folha 84. da ditto copia, verso esta hum / titulo assi: Muy prezados e amados Jrmãos. / e logo começa o Senhor Rey D. Duarte fallando / com seus Jrmãos assi: Quando em Abrantes / vos falley que com os Reys vossos Jrmãos vos quisesses sempre bem acordar, etc.

Este termo de chamar Reys a seus / Jrmãos o Senhor Rey D. Duarte pera mi fas sem[?] / (fól. 2) [0] / não sei que Reys fossem [...] [] / mãos do ditto Senhor Rey, salvo ainda / naquelle tempo avia hum costume, / em Espanha avia no tempo da Santa Jnfante / Dona Sancha de que faz

menção o Agiologio / Lusitano a 13. de Março Litt. d. na vida / da mesma Santa (\*no Comentario), scilicet de chamar Rainhas / as filhas dos Reys, e assi o mesmo seria tambem / talvez, de chamar Reys aos filhos dos Reys (\*no tempo de El Rey D. Duarte), e ainda / agora ouvi dizer a hum Conego que esteve em Roma / que em Jtalia, costumavão chamar Condes a todos / os filhos dos Condes, ainda que fora o Morgado.

Item folha 144. verso esta hum principio de / carta que diz assi: Pera a Jfante Dona Catherina: Muito nobre, honrada, e amada prima, etc., / Fim da carta: Muy honrada, etc. / Sobrescrito: A Muito nobre, e honrada Jfante Dona / Lianor nossa muito amada, e presada prima, etc.

No que reparo he no nome desta Senhora chamarse / primeiro Dona Catherina, e depois Dona Lianor. / Porem eu tresladei o que achei, e o tornei a ver- / (fól. 2<sup>v</sup>) [0] / Item folhas 150 [...] / que refere quando morreo o Senhor Rey Dom Du- / arte, de que conjecturo (\*alem doutros lugares) que este livro / de que mando a copia foy feito e collecto per algum curiozo (\*cujo nome não achei no tal livro), e não por elle.

Item folhas 128. se faz menção de humas mo- / edas a que chamavão Barvudas, e outras que cha- / mavão Graves, e verso da folha doutras, que / chamavão Pylartes, das quaes todas da a / razão porque se chamavão assi Manoel / de Faria e Souza no Epitome, na Vida / de ElRey D. Fernando, numero 17.

Item folha 196. esta hum titulo que diz assi: / Feita por o Doctor Dioguo Afonso. / E no Jndice tem titulo de: Trouas. / E advirto que Em humas destas Trovas que começão: / E quem desta doença quiser ser bem gardado, / etc. fuy escrevendo tudo sem guar- / dar divisão de regras, nem de dicções como / estão no original, porque nestas taes trovas / não achava muita toada, mas depois tor- / nando-as a ver, me toarão algum tanto / (fól. 3) mais [...] [] / pia que envio vão divididas com [...] / riscas [seguem-se dois grandes traços obliquos] Mas as outras adiante vão fielmente / tresladadas com todas as divisões de / regras, e dicções.

Este Doutor Diogo Affonso parece que foy / algum theologo ou Jurista (não obstante aqui / nestas trovas parecer Medico) segundo pa- / rece de huma carta a folhas 150. verso pera o Senhor Rey / D. Duarte, em que lhe responde consultado em / huma materia de consciencia. (\*Tambem a folhas 79. desta copia esta huma carta do Doutor Diogo Affonso, que sera este ou outro segundo eu entendo do mesmo nome)

Item folhas 66 verso está o numero 3. repetido / e folhas 67. o numero 6. tambem repetido, porem / eu os tresladei assi como os achei.

Item folhas 169. verso esta hum titulo sic: / Declaração das sette intenções etc., e do que / mais neste titulo se diz corroboro o meu ditto, / que este livro de que mando a copia foy col- / lecto por algum curioso, que não se quiz no- / mear. O mesmo se tira do titulo da carta que / o Senhor Infante D. Pedro mandou a seu Jrmão o Senhor Rey D. Duarte, e vay na copia a folhas 65. verso

Em quanto as cifras digo mais, / que (fól. 3<sup>v</sup>) que as tres[] [...] / estão no original, e em cada pagina puz / outras tantas linhas, e em cada linha ou- / tras tantas cifras ou dicções, e fiz isto com toda esta advertencia porque não soccedesse / que fazendo-o doutro modo, se confundissem / as cifras, pois as não conheço nem sey on- / de fazem dicção.

E talvez que algumas não vão bem figu- / radas, porem eu fiz muito por as copiar com / a propriedade que pude.

E se he certo o que ouvi dizer, que o senhor Conde / da Ericeyra quando esteve nesta cidade por governa- / dor mandou copiar este livro, por a tal / copia se poderão emendar alguns erros / ou difficuldades que forem nesta minha pois / a de sua Excelencia sera mais exacta.

Tambem o Senhor Marquez de Abrantes que / Deus tem, levou este livro original e o teve / em Lisboa algum tempo, e talvez que tam- / bem o mandasse copiar.

E Martinho de Mendonça de Pina logo / no principio de Janeiro depois que se eregio a Real / Academia veyo a esta Cartuxa com carta / (fól.4) segundo ouvi [...] ao Senhor Secretario que ent[] [...] / ver algumas couzas da livraria, [...] / per este livro delRey D. Duarte, e eu / lho mostrey, mas não sey o que passou com / o Prelado que então era, porem ouvi dizer que o ditto Martinho de Mendonça tem muita / intelligencia de cifras.

Mais a folha 114. verso esta esta conta 143. a. // em que / parece falta algum / caratter pera fazer bom sentido, porem eu tres- / ladei o que achei.

Mais, a folhas 179. verso esta a declaração do / Padre Nosso, em que se poem cada petição por si, / e se poem esta: Seja feita a sua vontade as- / si no ceo, como na terra.

Mas se nisto pode haver algum reparo; eu / digo que tresladei como esta no original.

Finalmente o original de que mando esta copia / não guarda ortographia salvo na divisão dos (\* trattados como se apontão no Jndice, e em alguns §§ desses trattados, id est, so em dividir os taes trattados, e §§. e não em pontos, e vírgulas etc.), e eu assi fiz no treslado. Vejaose a folhas [...] os livros que El Rey D. Duarte tinha.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Askins, Arthur L-F.; Sharrer, Harvey L.; Dias, Aida Fernanda; Schaffer, Martha E., *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*: <http://sunsite.berkeley.edu/Philobiblon/BITAGAP>
- Barreto, João Franco, *Bibliotheca Lusitana*, tomo II, (ms., fotocópia do original da Casa do Cadaval – Secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa)
- Cepeda, Isabel, *Bibliografia da Prosa Medieval em Língua Portuguesa*, Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995
- Dionísio, João, *D. Duarte, leitor de Cassiano*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (dissertação de doutoramento), 2000
- Literatura Hispânica da Idade Média na B.N. Catálogo da Exposição realizada por ocasião do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, selecção e catalogação de Isabel Vilares Cepeda e de Arnaldo Espírito Santo, Lisboa: Editorial Cosmos, 1991
- Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte* (Livro da Cartuxa), edição diplomática preparada por João José Alves Dias, Lisboa: Editorial Estampa, 1982
- Manuscritos da Ajuda*, volume I, Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1966
- Manuscritos da Casa do Cadaval*, *Boletim da Sociedade de Bibliófilos Barbosa Machado*, Lisboa, Ano III, 1915
- Machado, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana, histórica, crítica, cronológica*, tomo I, 1741 [reimp. 1965]
- Pina, Rui de, *Crónica de D. Duarte*, Lisboa: Bibliotheca de Classicos Portuguezes, 1901
- Sousa, António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo I, livro III, Lisboa, 1739

## Perigos do livro

(Apontamentos acerca do papel atribuído ao livro e à leitura na correspondência da Marquesa de Alorna durante o período de encerramento em Chelas)

Vanda Anastácio

Universidade Católica Portuguesa (Lisboa)

A 3 de Setembro de 1758 houve em Lisboa um atentado contra o Rei D. José I, então há cerca de oito anos no poder. Ocorrido em circunstâncias pouco claras, este acontecimento foi pretexto para que o Ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, desencadeasse uma ofensiva contra algumas das famílias mais poderosas do Reino. Logo em Dezembro do mesmo ano foram presos diversos membros da alta aristocracia, em particular da família Távora, acusados de estarem implicados no sucedido. D. Leonor de Almeida – a futura Marquesa de Alorna, que ficaria conhecida entre os poetas pelo nome literário de Alcipe –, era neta dos Marqueses de Távora e foi encerrada, a 14 de Dezembro, aos oito anos de idade, no convento de São Félix, em Chelas, juntamente com a mãe e os irmãos mais novos. No dia anterior, o pai, D. João de Almeida Portugal, havia sido levado para a Torre de Belém, tendo sido transferido para o forte da Junqueira em data indeterminada. A 13 de Janeiro do ano seguinte, os avós de D. Leonor e os Duques de Aveiro foram supliciados e executados publicamente, com uma crueldade que suscitou reacções de indignação na Europa do tempo. Alcipe, a mãe, a irmã e o pai só seriam libertados dezoito anos depois, no contexto da *Viradeira*.

Entre os documentos que se preservam relativos ao período em que a família permaneceu encerrada, figura uma correspondência, proibida e secreta, trocada entre D. Leonor de Almeida e o pai. Estas cartas, em parte publicadas por Hernâni Cidade<sup>1</sup> e em parte inéditas (conservadas no Arquivo do Palácio Fronteira e na Torre do Tombo) constituem um documento vivo do modo como circulavam os textos impressos e manuscritos em geral e os livros em particular, entre os membros da aristocracia letrada portuguesa, permitindo comprovar a notável difusão que tiveram em Portugal, nos anos

<sup>1</sup> H. Cidade, *Marquesa de Alorna, Inéditos, Cartas e outros Escritos*.